JESUS RESSUSCITADO
SEGUNDO OS RELATOS PASCAIS

Coleção **Biblioteca de estudos bíblicos**

- *Jesus e as estruturas de seu tempo*, Émile Morin
- *Chave para a Bíblia: a revelação, a promessa, a realização*, Wilfrid John Harrington
- *Bíblia, Palavra de Deus: curso de introdução à Sagrada Escritura*, Valerio Mannucci
- *Jesus e a sociedade de seu tempo*, Juan Mateos; Fernando Camacho
- *Libertando Paulo: a justiça de Deus e a política do apóstolo*, Neil Elliott
- *Evangelhos apócrifos*, Luigi Moraldi
- *A teologia do apóstolo Paulo*, James D. G. Dunn
- *Jesus segundo o judaísmo*, Beatrice Bruteau (org.)
- *Liturgia judaica: fontes, estrutura, orações e festas*, Carmine Di Sante
- *O memorial de Deus: história, memória e a experiência do divino no Antigo Israel*, Mark Stratton John Matthew Smith
- *A Bíblia sem mitos: uma introdução crítica*, Eduardo Arens
- *Da religião bíblica ao judaísmo rabínico: origens da religião de Israel e seus desdobramentos na história do povo judeu*, Donizete Scardelai (eBook)
- *Jesus e as testemunhas oculares: os Evangelhos como testemunhos de testemunhas oculares*, Richard Bauckham
- *A origem da Bíblia: um guia para os perplexos*, Lee Martin McDonald
- *O escriba Esdras e o judaísmo: um estudo sobre Esdras à luz da tradição*, Donizete Scardelai (eBook)
- *Para ler o apóstolo Paulo*, Chantal Reynier
- *Argonautas do deserto*, Philippe Wajdenbaum
- *Paulo e o dom*, John M. G. Barclay
- *A Bíblia na história*, Gastone Bostolo
- *Vocabulário teológico do Evangelho de São João*, Juan Mateos; Juan Barreto
- *Jesus ressuscitado segundo os relatos pascais: narrações, interpretações e mensagem evangelizadora*, Armando Noguez

ARMANDO NOGUEZ

JESUS RESSUSCITADO SEGUNDO OS RELATOS PASCAIS

Narrativas, interpretações e mensagem evangelizadora

Tradução: Julio Caprani

PAULUS

Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Título original: *Jesus Resucitado según los relatos pascuales*
© Editorial Verbo Divino, 2022

Direção editorial
Pe. Jakson Ferreira de Alencar

Assessoria bíblica
Paulo Bazaglia

Gerência editorial
Elisa Zuigeber

Revisão
Tiago José Risi Leme, Lucas Giron,
Pe. Zolferino Tonon, Albertino Bramuge

Design
Leonardo Cerretti

Impressão e acabamento
PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Noguez, Armando
Jesus ressuscitado segundo os relatos pascais / Armando Noguez ; tradução de Julio Caprani. – São Paulo : Paulus, 2025.
(Coleção Biblioteca de Estudos Bíblicos)

ISBN 978-85-349-5723-6
Título original: Jesus resucitado según los relatos pascuales

1. Bíblia – Estudo e ensino 2. Jesus Cristo – Ressurreição 3. Páscoa I. Título II. Caprani, Julio III. Série

25-1701 CDD 220.7

Índice para catálogo sistemático:
1. Bíblia – Estudo e ensino

1ª edição, 2025

Conheça o catálogo **PAULUS** acessando: **paulus.com.br/loja**, ou pelo QR Code.
Televendas: **(11) 3789-4000 / 0800 016 40 11**

© PAULUS - 2025

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091
São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-5723-6

ÍNDICE

9 Apresentação

11 **1. O Evangelho de Jesus e os Evangelhos escritos**
11 1.1. Jesus, evangelizador dos pobres
12 1.2. As comunidades evangelizadoras
14 1.3. Os modos de transmissão do Evangelho
15 1.4. Os Evangelhos, um tipo peculiar de literatura

17 **2. O anúncio da ressurreição de Jesus no Novo Testamento**
17 2.1. Concepções inadequadas da ressurreição de Jesus
18 2.2. O que se entende por ressurreição de Jesus
20 2.3. Os textos do Novo Testamento sobre a ressurreição de Jesus
22 2.4. As confissões de fé em Jesus Ressuscitado

25 **3. Os relatos da Páscoa**
25 3.1. Identidade dos relatos pascais
28 3.2. Diversidade literária e características distintivas
30 3.3. Propósitos dos relatos da Páscoa
32 3.4. Formas literárias nos relatos pascais

I. OS RELATOS EVANGÉLICOS

37 **1. Os relatos da Páscoa segundo Marcos**
37 1.1. O enredo de Marcos
38 1.2. Tempo narrativo
38 1.3. Cenários geográficos
39 1.4. O personagem Jesus
39 1.5. O jovem
40 1.6. Os adversários
40 1.7. As discípulas e os discípulos
41 1.8. Um final aberto e um apêndice
42 1.9. Intratextualidade

45 **2. O relato da Páscoa segundo Mateus**
45 2.1. O enredo de Mateus
46 2.2. Tempo narrativo
47 2.3. Cenários geográficos
48 2.4. O personagem Jesus
49 2.5. O Anjo do Senhor
50 2.6. Os adversários
51 2.7. As discípulas e os discípulos
52 2.8. Outros recursos narrativos
53 2.9. Intratextualidade

55 **3. O relato da Páscoa segundo Lucas**
55 3.1. O enredo de Lucas
56 3.2. O tempo narrativo
58 3.3. Cenários geográficos
59 3.4. O personagem Jesus
61 3.5. Os dois homens/anjos
61 3.6. Os adversários
61 3.7. Os discípulos do sexo feminino e masculino
63 3.8. Outros recursos narrativos
65 3.9. Intratextualidade
67 3.10. Intertextualidade com o livro dos Atos dos Apóstolos

69 **4. Os relatos da Páscoa segundo João**
69 4.1. A trama de João 20-21
72 4.2. O tempo narrativo em João 20-21
73 4.3. Cenários geográficos
74 4.4. O personagem Jesus
75 4.5. Aliados e oponentes
75 4.6. A discípula e os discípulos
79 4.7. Outros recursos narrativos
80 4.8. Intratextualidade

II. AS INTERPRETAÇÕES HISTÓRICAS E TEOLÓGICAS

85 **1. Intertextualidade, releituras do Antigo e do Novo Testamento**
85 1.1. A intertextualidade do Evangelho segundo Marcos
86 1.2. A intertextualidade do Evangelho segundo Mateus
87 1.3. A intertextualidade do Evangelho segundo Lucas
88 1.4. A intertextualidade do Evangelho segundo João
89 1.5. Os relatos da Páscoa e os textos bíblicos

91 **2. O surgimento da fé na ressurreição de Jesus**
91 2.1. Antecedentes na Tradição bíblica
93 2.2. O contexto religioso-cultural
95 2.3. Algo novo na história

99 **3. Formação e transmissão dos relatos da Páscoa**
99 3.1. Origem e desenvolvimento dos relatos pascais
101 3.2. As tradições subjacentes aos relatos pascais
104 3.3. As aparições do Ressuscitado e as suas tradições
105 3.4. O túmulo vazio e as suas tradições

107 **4. Os relatos da Páscoa e a história**
107 4.1. A ressurreição e a mentalidade moderna
109 4.2. A peculiar historicidade dos relatos pascais
111 4.3. Historicidade da própria ressurreição
113 4.4. Historicidade dos relatos das aparições
116 4.5. Historicidade dos relatos do túmulo vazio e da ascensão
118 4.6. Conclusões provisórias

121 **5. Interesses teológicos que partilham os relatos da Páscoa**
121 5.1. Interesses apologéticos
123 5.2. Interesses exegético-teológicos comuns

133 **6. Interesses teológicos próprios de Marcos e Mateus**
133 6.1. O que é próprio do relato pascal de Marcos
134 6.2. O que é próprio do relato pascal de Mateus

139 **7. Interesses teológicos próprios de Lucas**
139 7.1. No túmulo vazio
140 7.2. No caminho de Emaús
141 7.3. A reunião com os Onze
142 7.4. O discurso final de Cristo ressuscitado
143 7.5. A despedida de Jesus

145 **8. Interesses teológicos próprios de João**
145 8.1. No túmulo
146 8.2. O encontro com Maria Madalena
147 8.3. O encontro com os discípulos em casa
149 8.4. O epílogo: João 21

III. A MENSAGEM EVANGELIZADORA DOS RELATOS DA PÁSCOA

153 **1. Os evangelistas criam consenso comunitário**
153 1.1. Tradições orais e escritas
154 1.2. Adaptação e combinação de tradições
156 1.3. Consenso nas comunidades de Marcos e Mateus
157 1.4. Consenso nas comunidades de Lucas e João

159 **2. Os evangelistas ensinam como viver no império**
159 2.1. O poder imperial de Roma
161 2.2. Marcos orienta a sua comunidade para viver no império

162 2.3. Mateus dá instruções à sua comunidade sobre a sua vida no império
163 2.4. Lucas ensina a sua comunidade a dar testemunho no império
164 2.5. João posiciona a sua comunidade perante o império

167 **3. Os evangelistas instruem as suas comunidades sobre a herança judaica**
167 3.1. Mateus mantém a herança judaica da sua comunidade
169 3.2. Lucas confirma o enraizamento da sua comunidade em Jerusalém
170 3.3. João gerencia a tensão de sua comunidade com os "judeus"

173 **4. Os evangelistas dão orientações sobre convivência fraterna e formam uma liderança comunitária**
173 4.1. Formas de convivência e de liderança partilhadas pelas comunidades
175 4.2. Formas de convivência e liderança próprias de cada comunidade

179 **5. A Boa Notícia dos relatos da Páscoa**
180 5.1. Deus ressuscitou Jesus dos mortos
183 5.2. Cristo Jesus, aquele que está vivo
187 5.3. A Igreja que experimenta e proclama o Ressuscitado

191 BIBLIOGRAFIA

APRESENTAÇÃO

Jesus ressuscitou! É a Boa-nova que define a identidade do cristianismo e tem sido a principal tarefa da Igreja durante os seus 2 mil anos de existência histórica. Ao mesmo tempo, é a convicção que impulsiona e dá sentido à vida pessoal de milhões de crentes em todo o mundo.

As igrejas da segunda geração elaboraram os textos evangélicos que culminaram nos *relatos pascais,* que testemunham as experiências e convicções dos discípulos de Jesus após a sua ressurreição. Esses relatos levantam muitos problemas literários, históricos e teológicos que são fonte de conflito entre os intérpretes.

Há cristãos que se interessam muito pelas questões teóricas levantadas pelos relatos pascais e por algumas das suas consequências existenciais. No hemisfério sul, a outra face do mundo moderno, onde se abusa da morte para manter estruturas injustas, essas histórias têm outros significados que desafiam e envolvem os crentes.

Com as ferramentas da ciência bíblica e da teologia, este trabalho aborda a proposta evangelizadora dos *relatos pascais* a partir de três perspectivas básicas que ajudam a compreendê-los como:

1. *Narrativas* que organizam os acontecimentos da Páscoa num enredo, com o seu enquadramento narrativo e personagens, a fim de despertar o interesse e desafiar o público.

2. *Interpretações* do relato pascal dos discípulos de Jesus e dos textos por eles produzidos para propor o sentido teológico das suas experiências com o Ressuscitado.

3. *Mensagem evangelizadora* dirigida às comunidades cristãs para encorajar e orientar as suas vidas com a Boa-nova de que Jesus ressuscitou, enfrentando os desafios do seu próprio contexto.

Espera-se que a leitura desta obra motive os grupos cristãos a prosseguir a causa de Jesus, com liberdade evangélica e sem medo dos tiranos, que nunca conseguirão extinguir o impulso vivificante do Ressuscitado e a esperança que ele gera.

Terminei este texto quando a crise do "coronavírus 2019" se intensificava no México e em todo o mundo. Achei oportuno dedicá-lo, com admiração e gratidão, aos *meus médicos pessoais* e a *todos os profissionais de saúde,* amigos da vida e, da mesma forma, aliados incondicionais do Deus que ressuscitou Jesus dos mortos.

O autor

1. O EVANGELHO DE JESUS E OS EVANGELHOS ESCRITOS

Jesus é o primeiro evangelizador que transmitiu a sua mensagem de salvação através de atos e palavras. Depois da Páscoa, a geração apostólica e as comunidades cristãs tornaram-se agentes de evangelização e, pouco a pouco, a *pregação oral* começou também a ser registrada em *livros escritos*, através de vários tipos de literatura.

1.1. Jesus, evangelizador dos pobres

a) Anunciar o Reino de Deus aos pobres. Jesus é a origem do Evangelho. Proclamou a *Boa-nova* do Reino de Deus e concentrou nela toda a sua atividade. Acreditava que, com o seu ministério, o Reino estava chegando. Convidou as pessoas a descobri-lo, a aceitá-lo e a alegrar-se com a sua chegada. Os *destinatários* do Reino são os verdadeiros pobres: os famintos e os doentes, as vítimas da injustiça, os desprezados e os excluídos. A vinda do Reino significa o alívio dos seus males e a mudança da sua situação.

Características ou dimensões do Reino de Deus	
Para os pobres	Dimensão política ("Reino")
Provoca conflitos	Caráter utópico
É gratuito	Caráter festivo

b) Com atos e palavras. Jesus evangeliza *com a sua palavra*: anuncia o Reino em parábolas, exige a conversão, ensina a vontade de Deus nos seus discursos, denuncia os governantes injustos, desmascara a falsa religiosidade e entra em polêmica com aqueles que manipulam Deus. Também evangeliza *com as suas ações* poderosas: milagres e exorcismos. Além disso, Jesus realiza ações proféticas de natureza simbólica,

que não são meros recursos didáticos, mas uma espécie de sacramento do Reino, significando-o e mostrando-o em ação.

Ações profético-simbólicas de Jesus
• A eleição dos Doze • A missão dos discípulos • Refeições com publicanos e pecadores • Acolhimento e bênção de crianças • A entrada em Jerusalém • A expulsão dos traficantes do templo • A última ceia

c) Jesus deu a sua vida pelo Evangelho. O anúncio do Evangelho aos pobres colocou Jesus em conflito não só com as autoridades do templo, mas também com os invasores romanos. A sua crítica radical não podia deixá-los indiferentes. Por isso, *condenaram-no à morte* e crucificaram-no. Jesus enfrentou as consequências da sua prática e entregou livremente a sua vida.

d) Jesus e a sua causa continuam. O projeto de Deus não terminou em fracasso. Foi interrompido por um momento, mas Deus interveio e *ressuscitou Jesus*. Agora a sua causa continua na comunidade dos seus discípulos, que são completamente transformados pelo encontro com o Ressuscitado. Toda a existência de Jesus se ilumina para eles e adquire um novo significado. *Jesus está vivo*, a Boa-nova do Reino não foi derrotada. Uma novidade: os discípulos saíram em missão, agora o anunciador torna-se o anunciado; os discípulos anunciam Jesus ressuscitado servindo o Evangelho.

1.2. As comunidades evangelizadoras

a) A Igreja nasce para evangelizar. Depois da Páscoa, nasceu a Igreja. Ela continua o movimento de Jesus. Com uma rapidez surpreendente, os crentes em Jesus passaram a ter uma *vida comunitária*, uma mentalidade comunitária e um *modo de proceder comunitário*. A Igreja nasce para dar testemunho da ressurreição de Jesus a todos os homens; nasce como Igreja missionária e *existe para evangelizar*. Em cada comunidade, o Evangelho de Jesus é anunciado e formam-se diversas tradições apostólicas.

b) A propagação do Evangelho. A partir dos anos 30 d.C., a primeira geração de cristãos espalhou-se rapidamente por toda a *bacia do Mediterrâneo*. Eram diversas comunidades que se instalaram em meios urbanos de vários territórios, tinham *culturas diferentes* e falavam idiomas diferentes. A partir do ano 70 d.C., com a queda de Jerusalém e a destruição do templo, começou a segunda geração de cristãos.

Ano	30 d.C.	70	100
	Primeira geração	***Segunda geração***	Terceira geração

c) As comunidades recordam e se apropriam do Evangelho. *Com* a ajuda do Espírito (Jo 14,26), as comunidades recebem o Evangelho e *incorporam-no a sua vida*. Fazem dele a orientação normativa da sua existência e da sua fé. Na instrução e nas celebrações comunitárias, *recordam o que Jesus fez e disse*. Antes de aparecer qualquer texto escrito do Novo Testamento, pelo menos de 30 a 50 d.C., o único Evangelho de Jesus foi praticado e proclamado pela geração apostólica.

d) O Evangelho é atualizado e inculturado. As comunidades não só receberam, mas releram e *atualizaram* o Evangelho de Jesus à luz das novas circunstâncias. Em lugares e ambientes diferentes, foi necessário *traduzir* a Boa-nova de Jesus para outras línguas e culturas. Assim, a mensagem surgida na Palestina de Jesus chegou à cultura judaica helenística e depois à cultura greco-romana. Pouco a pouco, o Evangelho penetrou nas *culturas locais* e foi capaz de inspirar as suas formas de sentir, pensar, viver e exprimir-se.

Os cristãos entre os anos 70 e 100 d.C.	
Egito	Floresceram comunidades marcadas por uma forte teologia helenística, com tradições sapienciais.
Palestina	A radicalização do "judaico-cristianismo" perde a sua influência.
Síria	As tradições judaico-cristãs renascem nas igrejas de língua grega (Antioquia).
Ásia Menor	O cristianismo joanino em crise vindo da Síria foi recebido; o cristianismo apocalíptico renasceu.

Grécia e Itália	Continua a difusão de um cristianismo ocidental e helenizado, nascido da missão dos "helenistas", da pregação de Paulo, das viagens de Pedro e das comunidades já existentes nos centros urbanos.

1.3. Os modos de transmissão do Evangelho

a) A Tradição evangélica. Os apóstolos transmitiram a mensagem de Jesus às comunidades. Esta é a *Tradição apostólica*, que se expressa de forma especial na Escritura, mas que foi feita primeiro de forma não escrita. É isso que a Igreja acredita e transmite.

b) A pregação oral. Os discípulos obedeceram à ordem de pregar o Evangelho. Na pregação oral, comunicavam o que tinham recebido pela palavra, pela comunhão e pelas obras de Jesus. Essa era a tarefa dos "ministros da palavra" (Lc 1,2).

c) Práticas de evangelização. A geração apostólica evangelizou de *muitas maneiras*: pelo seu testemunho de vida comunitária, pela criação de instituições, pelas viagens apostólicas e, sobretudo, pelas práticas simbólicas. As refeições partilhadas foram decisivas para a consolidação das igrejas; o batismo prontamente se tornou um elemento de sua identidade, bem como a reunião no primeiro dia da semana (domingo), as orações e a instrução comum.

Práticas evangelizadoras	
→ Testemunho de vida	
→ Viagens missionárias	→ Refeições partilhadas
→ Celebrações litúrgicas	→ Ensino apostólico
→ Instituições organizacionais	→ Orações
→ Comunhão de bens	→ Práticas batismais

d) As tradições escritas. Os próprios apóstolos e outros de sua geração colocaram a mensagem do Evangelho por escrito, sob a inspiração do Espírito Santo. A sua atividade literária começou por volta do ano 50 d.C. com a troca de *cartas*. Seguiram-se as *coleções de ditos* de Jesus, como o chamado documento Fonte Q. Mais tarde, por volta do ano 70 d.C., Marcos escreveu o seu "Evangelho de Jesus Cristo" (Mc 1,1), introduziu esta novidade e abriu caminho a muitas obras semelhantes.

	Mateus	Marcos	Lucas	João
Data	80-90 d.C.	±70 d.C.	80-90 d.C.	90-100 d.C.
Local	Síria (Antioquia)	Roma	Sul da Grécia	Ásia Menor (Éfeso)
Autor histórico	Anônimo	Anônimo	Anônimo	Anônimo
Autor tradicional	Mateus, o apóstolo	João Marcos, discípulo de Pedro	Lucas, médico, companheiro de Paulo	João, filho de Zebedeu
Língua original	Grego	Grego	Grego	Grego
Destinatários	Judeus cristãos	Cristãos não judeus	"Teófilo", cristãos helenísticos	Cristãos judeus e helenistas
Fontes	Mc, Q e M	Coleções de milagres; relato da paixão	Mc, Q e L	Tradições pré-sinópticas

Cada evangelista usou de grande criatividade na hora de reunir suas fontes, na elaboração de um projeto narrativo e na escrita hábil da sua mensagem para responder às necessidades da sua comunidade.

e) O termo "Evangelho". No cristianismo primitivo, a palavra "Evangelho" tinha pelo menos dois significados. Primeiro, refere-se a *certas crenças e experiências* sobre a obra salvadora de Deus que Jesus tornou presente. É a mensagem de salvação. Mais tarde, em meados do século II d.C., o termo "Evangelhos" refere-se a *textos escritos* que transmitem o único "Evangelho" de Jesus, na perspectiva da fé e para um público ou comunidade de crentes.

Significado do termo "Evangelho"
→ Para Jesus → anúncio oral do Reino de Deus → Depois da Páscoa → anúncio de Jesus ressuscitado → A partir do século II → escritos sobre Jesus Cristo

1.4. Os Evangelhos, um tipo peculiar de literatura

a) Os Evangelhos são biografias antigas: "bios". As antigas biografias greco-latinas eram narrativas em prosa sobre a vida de um